

CLARICE VÍRGULA

CLARICE COMMA

por *Lívia Sudare de Oliveira*

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar a biografia *Clarice*, escrita pelo autor Benjamin Moser, e que tem por viés trazer a luz uma nova faceta da escritora Clarice Lispector: a Clarice judaica. Tal análise será feita a partir das escolhas das fontes selecionadas pelo autor, para, a partir deste viés entender que tipo de bibliografia é *Clarice*; e para tanto serão utilizados autores-base como François Dossé e Pierre Bourdieu.

Palavras-chave *Análise Biográfica, Benjamin Moser, Clarice,*

ABSTRACT

This work aims to analyze the biography *Clarice*, written by the author Benjamin Moser, which has as goal to shed light on a new side of the Brazilian writer Clarice Lispector: the Jewish Clarice. This analyzes will be done through out the choices made by the author, so, from this point of view understand what kind of biography is *Clarice*; therefore will be used as author-guides François Dossé and Pierre Bourdieu.

Keywords *Biography Analyzes; Benjamin Moser; Clarice,*

CLARICE VÍGURLA!

Neste trabalho analiso a biografia *Clarice*, do autor norte americano Benjamin Moser, lançada no Brasil no ano de 2009 pela editora *Cosac Naify*. Moser, formado em História pela *Brown University*, onde após um relativo fracasso no aprendizado do mandarim, optou por aprender português, o que lhe proporcionou o primeiro contato com a obra de Lispector. E foi ao ler *A hora da Estrela* desta autora que o autor teve seu encontro com a *Esfinge*, e seu objetivo em narrar a trajetória de Clarice é, em suas palavras, divulgar Clarice. “A cultura brasileira, assim como outras, precisa de pessoas que a divulguem em outros lugares. Clarice era muito desconhecida no exterior, mas agora, com o livro, saíram muitas críticas e artigos sobre ela”.¹ Vemos aqui um sinal claro do que Dossé chamou de *imperativo da empatia*.

De fato, desde seu lançamento, o livro tem sido assunto recorrente em veículos difusores de opinião, nos quais o “mistério Clarice” tem enigmado uma série de leitores não usuais. O *New York Times* a tem chamado de *Untamed Creature*² (ou Criatura Indomável). Motivado justamente por desvendar os mistérios de Clarice, o autor buscou, em seus cinco anos de pesquisa, articular vida e obra da biografada, com o intuito de entender a vida através da obra e não a obra através da vida. Moser aponta, de maneira recorrente, algo pouco conhecido por muitos dos brasileiros: o judaísmo de Clarice. E é a partir deste aspecto que o autor (judeu como Lispector) decorre sua pesquisa.

Nosso escopo aqui é analisar a obra de Moser a partir de suas escolhas de fontes e passagens pela vida de Clarice Lispector que ele considerou válidas para a construção de seu texto, para assim entendermos que tipo de biografia é *Clarice*.

Decifrar o quase indecifrável...

O desafio de escrever sobre Clarice Lispector não está na falta de acesso a fontes, haja vista que para construir sua obra Moser teve acesso à correspondências de Clarice com seus pares e familiares; tendo inclusive estabelecido contato com parentes e amigos diretos da autora, como seu filho Paulo Gurgel Valente, a ex-cunhada e amiga Elaine Weil Gurgel Valente e a irmã Tânia Lispector Kaufmann. A dificuldade em escrever sobre Clarice recai sobre a aura de mistério que a própria autora ajudou a construir em torno de si. Em *Água Viva*, bem como mostra Moser, Clarice afirmou: “Muita coisa não posso te contar. Não vou ser autobiográfica. Quero ser ‘bio’.”.

¹ <http://colunas.epoca.globo.com/menteaberta/2009/11/24/papo-rapido-com-benjamin-moser-autor-de-clarice/> visitado em: 26/06/2010

² http://www.nytimes.com/2009/08/23/books/review/Eberstadt.html?pagewanted=2&_r=1&8bu&emc=buaz visitado em: 26/06/2010

A alma exposta em sua obra é a alma de uma mulher só, mas dentro dela encontramos toda a gama da experiência humana. Eis por que Clarice Lispector já foi descrita como quase tudo: nativa e estrangeira, judia e cristã, bruxa e santa, homem e lésbica, criança e adulta, animal e pessoa, mulher e dona de casa. Por ter descrito tanto de sua experiência íntima, ela podia ser convincentemente tudo para todo mundo, venerada por aqueles que encontravam em seu gênio expressivo um espelho da própria alma. Como ela disse, “eu sou vós mesmos” (MOSER: 2009 p.17).

A inquietação que levou Moser a querer biografar Clarice foi mostrar seu contexto específico, o contexto que produziu Clarice Lispector, e que a própria autora buscava não mencionar. Fechara a boca, como um monumento, assim como a Esfinge do Egito a quem ela mesma não decifrara, mas também não fora decifrada pelo monstro.

François Dossé em seu livro *O desafio biográfico. Escrever uma vida* expõe que:

A biografia de um pensador implica reaver, [...], a unidade do gosto que é o seu, próprio de seu ser, sabendo que este é suscetível de múltiplas alterações e modificações. Ademais o significado de uma vida nunca é unívoco, só pode declinar-se no plural, não apenas pelo fato de as mudanças que a travessia do tempo implica, mas também pela importância a conceder à recepção do biografado e de sua obra que é correlativa do momento considerado e do meio que dele se apropria (2009, p.375).

Talvez o maior mérito do trabalho de Moser recaia nas mudanças de uma vida, e como essas mudanças serviram para a percepção de aspectos sólidos que serão recorrentes em toda obra de Lispector. Fatos que a autora raramente mencionava e quando o fazia, fazia a sua forma; envolvendo o fato em mistério, gerando dúvida sobre sua legitimidade. Suas respostas evasivas e seu ar indecifrável geraram pontos discordantes sobre sua vida.

Nesse vácuo de informações floresceu toda uma mitologia. Lendo relatos de diferentes momentos de sua vida, é difícil acreditar que se refiram à mesma pessoa. [...] “Clarice Lispector” já chegou a ser considerado um pseudônimo, e seu nome original só foi conhecido depois da sua morte. Onde exatamente ela nasceu e quantos anos tinha também eram pontos pouco claros. Sua nacionalidade era questionada, e a identidade de sua língua nativa era obscura. Uma autoridade atestará que era de direita, e outra, que era comunista. Uma insistirá que era uma católica devota, embora na verdade fosse judia (MOSER, p.14).

O peculiar sobre Clarice Lispector, é que ela morreu a pouco mais de 30 anos, diversas das pessoas que a conheceram bem ainda estão vivas e por ter sido alguém de destaque praticamente desde a adolescência, sua vida foi bastante documentada pela imprensa, e fascinada por cartas, deixou uma extensa correspondência. Para Sandes, o jogo de memória que é a recomposição do passado, “não segue

um plano previamente traçado. Esquecemos mais do que lembramos. Entretanto não registramos o trabalho do esquecimento, a não ser sob o signo da lembrança” (SANDES: 2009 p. 181). Ora ao que parece o jogo de construção e desconstrução de mito com o qual Clarice brincou a vida inteira, levou-a exatamente a ser o que dizia não querer: ser autobiográfica. Pois muito do que se sabia sobre ela vinha de suas próprias declarações.

Clarice Lispector moldou-se a partir da necessidade. Sua história nunca fora totalmente declarada, e Clarice chegou ao ponto de dar a seu sobrenome *Lispector* um caráter latino. Pouco era sabido de sua origem judia e das agruras vividas por sua família na Ucrânia e como havia sido o estabelecimento desta aqui no Brasil. O trunfo de Moser foi justamente seu trabalho de reconstrução deste contexto histórico “esquecido” por Clarice. Tanto que as características do texto e do trabalho de historiador de Moser ficam evidentes exatamente nos capítulos em que narra a vida da Clarice não escritora, da Clarice pertencente a um povo: os judeus.

Ao narrar a história da fuga dos Lispector da violência dos *pogroms*, o autor não busca simplesmente expor o fato, mas contextualiza Clarice num cenário que superficialmente não pode ser imaginado através da leitura de suas obras, de suas correspondências e de suas entrevistas. Reconta uma história de sofrimento que por conta dos horrores do holocausto ficou perdida no trabalho do esquecimento. E apresenta também um pouco da história do povo judeu no Brasil.

A Podólia, região da Ucrânia onde viveram os Lispector, com a pobreza e a opressão, pode ter indiretamente contribuído para a formação da personalidade mística de Clarice (que declaradamente se via como tal). A Podólia foi o centro do movimento hassídico. E Moser vê em Clarice “aquela coisa irracional” dos *tzadikim* hassídicos, figuras míticas de seu tempo, contadores de histórias que misturavam trivialidade e profundidade. O nascimento de Clarice também foi cercado de misticismo, uma vez que sua vinda ao mundo deveria supostamente salvar a vida de sua mãe. Vítima de um estupro no auge de um pogrom, Mania Lispector foi infectada por sífilis, doença essa que segundo a crença local podia ser curada através da gravidez.

Ao nascer deram-lhe o nome Chaya, que em hebraico significa vida. Para melhor adaptarem-se ao Brasil, quando chegaram os Lispector tiveram de adotar nomes brasileiros, e Chaya, na época com um ano de idade virou Clarice. O nome secreto que Clarice nunca revelou, apenas fez referência de forma oblíqua:

Há tantos anos me perdi de vista que hesito em procurar me encontrar. Estou com medo de começar. Existir me dá às vezes tal taquicardia. Eu tenho tanto medo de ser eu. Sou tão perigoso. Me deram um nome e me alienaram de mim (MOSER: 2009, p.58).

Questionamentos acerca da importância do nome surgem na obra *A Ilusão Biográfica*, de Pierre Bourdieu, que afirma que o “nome só pode atestar a identidade da personalidade, como individualidade socialmente constituída, à custa de formidável abstração” (BOURDIEU: 2000 p. 189). Clarice, por sua vez foi Chaya, foi Clarice

Lispector e foi Clarice Gurgel Valente. E, no entanto, o que ficou foi a Clarice Lispector, do sobrenome estranho e até desagradável, que o crítico Sérgio Milliet tomou sem dúvida por pseudônimo.

Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um “sujeito” cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações. [...] O que equivale dizer que não podemos compreender a trajetória (isto é o envelhecimento social que, embora o acompanhe de forma inevitável, é independente do envelhecimento biológico) sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou [...] (MOSER, p. 190)

Esse desenrolar da vida de Clarice não era claro. Sabia-se muito da mítica escritora, mas pouco de suas raízes, que ela buscara esconder. Sua irmã, Elisa Lispector, por outro lado, precisou purgar suas lembranças e publicou dois livros (*No exílio e Retratos Antigos*) que serviram de base para a estruturação dos capítulos sobre a adaptação da família Lispector ao Brasil.

A narração da experiência está unida ao corpo e à voz, a uma presença real do sujeito na cena do passado. Não há testemunho sem experiência, mas tampouco há experiência sem narração: a linguagem liberta o aspecto mudo da experiência, redime-a de seu imediatismo ou de seu esquecimento e a transforma no comunicável, isto é, no comum. A narração inscreve a experiência numa temporalidade que não é a de seu acontecer (ameaçado desde seu próprio começo pela passagem do tempo e pelo irrepetível), mas a de sua lembrança. A narração também funda uma temporalidade que a cada repetição e a cada variante torna a se atualizar (SARLO: 2007, p. 24).

São as narrativas de Elisa que nos permite saber que apesar da penúria financeira em que viviam os Lispector, Pedro Lispector não abria mão de dar as filhas acesso a aulas de piano e a algumas idas a concertos e ópera. É pelas mãos de Elisa que sabemos que Clarice, apesar das brincadeiras de criança, teve a infância e a vida adulta marcada pela visão da mãe “paralisada, num país estrangeiro, incapaz de se mover ou de falar, presa numa cadeira de balanço, morrendo de modo lento e penoso” (MOSER: 2009, p.97).

Moser ainda acrescenta que tal como o nome oculto, a culpa de não ter podido salvar a mãe agonizante e a falta que ela lhe fazia seriam recorrentes em quase tudo que Clarice escreveu. Assim como o pai, apaixonado pela matemática e pela física não pudera seguir carreira por conta do estigma de ser judeu, acabara voltando-se para dentro, Clarice, após o fracasso em salvar a vida mãe, voltara-se para dentro. A vida inteira buscara justificativa para sua atividade de escritora e algumas vezes lamentava-se por sua impotência:

Em Recife, onde morei até doze anos de idade, havia muitas vezes nas ruas um aglomerado de pessoas diante das quais alguém discursava ardorosamente sobre a tragédia social. E lembro-me de como eu vibrava e de como eu me prometia que um dia esta seria minha tarefa: a de defender o direito dos outros. No entanto, o que terminei sendo, e tão cedo? Terminei sendo uma pessoa que procura o que profundamente se sente e usa a palavra que o exprima. É pouco, é muito pouco (MOSER, p.102).

Moser mostra que apesar da inquietação sobre essa impotência, Clarice nunca buscou negá-la e nem escondê-la. Em uma época em que muitos autores utilizavam suas obras como forma de engajamento, a autora nunca teve ilusões quanto ao sentido maior de sua obra.

Ela era um animal, destinado a morrer como qualquer outro, e nunca esqueceu as lições que aprendeu antes dos dez anos de idade. “Não muda nada”, enfatizou numa de suas últimas entrevistas. “Não muda nada. Escrevo sem esperança de que alguma coisa que eu escreva possa mudar o que quer que seja. Não muda nada”. [...] Entre suas últimas anotações encontra-se esta: “Eu escrevo como se fosse para salvar a vida de alguém. Provavelmente a minha própria vida (MOSER, p.103).

Seu trabalho na Agência Nacional possibilitou seu encontro com outros escritores, como Lúcio Cardoso, que assim como ela, não buscavam com seus livros um engajamento político para “nacionalizar a nação”, mas cujas preocupações, segundo Moser “eram menos sociais e nacionais do que íntimas e espirituais.” Neste grupo informal de escritores estão incluídos nomes como Cecília Meireles, Octavio de Faria, Cornélio Pena e Vinicius de Moraes. E assim como Lúcio, escritor homossexual que buscava a salvação através de sua arte, Clarice, confrontada com o silêncio de um Deus que para ela matara sua mãe, buscava em suas obras a própria redenção. Com tanta coisa em comum, Clarice se apaixonou por Lúcio.

O amor frustrado por Lúcio Cardoso leva Clarice ao ceticismo em relação ao casamento, o que é aspecto recorrente em sua obra, juntamente com a amoralidade de muitos de seus personagens. “Seu reconhecimento da natureza aleatória do universo, sua consciência de que seu mundo não era um mundo em que “fatos explicavam-se razoavelmente por causas visíveis”, sempre foram presentes para ela” (Moser p. 161) . Essa febre por Lúcio a levou a escrever um conto (*Obsessão*) que introduz diversos temas que ela iria desenvolver em seus escritos posteriores. Nele há uma epifania que tira a personagem de uma vida enfadonha, despertando-a para a possibilidade do conhecimento místico. Tem ainda o conviver de uma vida normal, humana, com a consciência de que se pode abraçar a vida irracional e animal.

Moser mostra que os interesses de Clarice eram antes espirituais do que materiais. E que se seus primeiros contos traziam certos traços ideológicos relacionados ao feminismo, esses logo desapareceriam. A maioria dos escritores que faziam parte desta “escola introspectiva” era católica, Clarice era judia, e portanto sua rejeição

a deus é diferente da perda de fé de seus colegas. “Os impulsos que forçam um judeu místico a se voltar para o seu próprio interior vêm de fora: a perseguição, o exílio e a segregação que afligiram tantas gerações de judeus”. Ao ver o exílio, o trabalho e sofrimento de seus pais não recompensados, Clarice se sente rejeitada por Deus, tanto que em uma rara declaração sobre ser judia, ela afirma:

Eu sou judia, você sabe. Mas não acredito nesta besteira de judeu ser o povo eleito de Deus. Não é coisa nenhuma. Os alemães é que devem ser, porque fizeram o que fizeram. Que grande eleição foi essa, para os judeus? (MOSER, p.164)

O que difere a biografia de Moser das várias outras é que ele mostra a faceta judia da escritora, e demonstra como este aspecto influenciou em suas obras. Sua renúncia a deus é semelhante a de Kafka e também de Spinoza. Moser mostra, após análise de *Perto do Coração Selvagem*, que Clarice fora leitora ávida e atenciosa de Spinoza, racionalista judeu do XVII, com quem compartilhava grande semelhança biográfica, já que ambos perderam a mãe na infância, vindo a perder o pai quando tinham vinte anos, abandonaram o judaísmo organizado com o a morte do pai. Impressionavam os outros por seu caráter estrangeiro e aristocrático, e ambos se frustraram em seu primeiro amor. Moser chega a afirmar que Spinoza foi a busca de Clarice por um modelo filosófico e moral.

Desconstruindo um mito

A biografia de Moser não foge do habitual ao fazer correlações entre a vida da autora e suas personagens. O que dá à co-relação de Moser algo novo é justamente essa faceta judaica desconhecida de Clarice. Mostra a autora ampliada em seu paradoxo. Ao retratar passagens importantes da história do Brasil, Moser não busca reconstruir o passado, mas mostrar Clarice inserida nele. E quando utiliza trechos de cartas ou entrevistas da autora para construir sua narrativa, assim o faz sabendo que Clarice era autobiográfica.

Moser buscou a complexidade do indivíduo Clarice, desconstruiu a Esfinge enigmática ao mostrar como foi o processo de construção deste *status*. Sabia-se muito sobre as diversas vivências da autora, da Clarice escritora, da Clarice esposa e da Clarice mito, mas pouco ou nada era sabido da Clarice Chaya. Ou seja, sabia-se muito sobre as diversas mudanças de contexto, mas pouco ou nada se sabia acerca do contexto original, do ponto de partida da mudança. E como mostra Levi:

Há uma relação permanente e recíproca entre biografia e contexto: a mudança é precisamente a soma infinita dessas inter-relações. A importância da biografia é permitir uma descrição das normas e de seu funcionamento efetivo, sendo este considerado não mais o resultado exclusivo de um desacordo entre regras e práticas, mas também de incoerências

estruturais e inevitáveis entre as próprias normas, incoerências que autorizam a multiplicação e a diversificação das práticas (2000, p.180).

Tais mudanças ainda que no campo da vida privada, são mostradas pelo autor como ponto de influência da escrita de Clarice Lispector. Toda a exposição sobre a vida da escritora, antes dela se tornar uma, serve no livro de Moser como ponte para o entendimento de certos aspectos de sua obra literária. Desta forma entendemos esta biografia como uma biografia literária, ainda que aponte aspectos para além da trajetória literária a autora, traz esses aspectos como de extrema influência em seu trabalho,

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- > BOURDIEU, Pierre. *A ilusão Biográfica*. In: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000. p. 183-191
- > DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: escrever uma vida**. São paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.
- > LEVI, Giovanni. *Usos da biografia*. In: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000. p. 167- 182
- > MOSER, Benjamin. **Clarice**, . São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- > SANDES, Noé Freire. **A memória inconsútil: São Paulo, 1932**. In: FREDERICO, Fabiana; OLIVEIRA, Fabiane; SALOMON, Marlon (org.). **Escritas da História: arte, cultura e memória**. Goiânia: Editora da UCG 2009. p 179-197
- > SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

Lívia Sudare de Oliveira, mestranda do curso de Pós Graduação em Teatro da UDESC.

lisudare@gmail.com